

CASA CUIABANA E OS ESPAÇOS LIVRES NO SÉCULO XVIII ANÁLISE E RELAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES RESIDENCIAIS COLONIAIS E OS ESPAÇOS LIVRES NA CIDADE DE CUIABÁ NO SÉCULO XVIII

*CUIABÁ'S HOUSE AND OPEN SPACES IN THE 18TH CENTURY: ANALYSIS AND
RELATIONSHIP OF COLONIAL RESIDENTIAL BUILDINGS AND OPEN SPACES IN THE CITY
OF CUIABÁ IN THE 18TH CENTURY*

Antônio Antunes de Barros Netto

Graduando, UFMT, Brasil
antonio_aadbn@live.com

Yara da Silva Nogueira Galdino

Professora Doutora, UFMT, Brasil.
yayanog@hotmail.com

RESUMO

Este artigo estuda a morfologia urbana de Cuiabá no século XVIII, tratando do traçado urbano e utilizando dos períodos morfológicos como meio de análise para compreensão da paisagem urbana histórica, desde sua morfogênese até a contemporaneidade. Os resultados foram desenvolvidos no contexto da pesquisa de Iniciação Científica “Casa Cuiabana e os espaços livres no século XVIII: Análise e relação das edificações residenciais coloniais e os espaços livres na cidade de Cuiabá no século XVIII”, por revisões bibliográficas sobre a morfologia urbana das cidades de origem portuguesa e por levantamento de dados na iconografia histórica de Cuiabá. Assim, elaboramos uma hipótese que pretende identificar uma intencionalidade na implantação urbana relacionada ao traçado – derivada da tradição urbanística portuguesa - identificado como Rua Direita, que nortearia o desenvolvimento do tecido urbano de Cuiabá e teria papel fundamental na formação da paisagem urbana. Nesta pesquisa, pôde-se considerar a intencionalidade de ser adaptada a Rua Direita em Cuiabá, pois é possível demonstrar nessa via os principais desígnios que esse traçado possui, além de ser reconhecida na história da cidade com a denominação de Rua Direita, assumida como o provável principal eixo estruturador da gênese e desenvolvimento do tecido urbano da Cuiabá colonial. Além disso, esse estudo sugere uma extensão das características padrões similares às outras ruas dessa mesma função, pois também denota, no desdobramento desse caminho, a primeira conexão formal entre os núcleos urbanos iniciais que futuramente estabelecerá uma continuidade da paisagem no desenvolvimento do tecido urbano ao longo de seu percurso.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia urbana. Tradição urbanística luso-brasileira. Rua Direita.

ABSTRACT

This article studies the urban morphology of Cuiabá in the 18th century, dealing with the urban layout and using morphological periods as a means of analysis to understand the historical urban landscape, from its morphogenesis to the present day. The results were developed in the context of the Scientific Initiation research "Cuiabá's House and open spaces in the 18th century: Analysis and relationship of colonial residential buildings and open spaces in the city of Cuiabá in the 18th century", through bibliographical reviews on the urban morphology of the cities of Portuguese origin and by surveying data on the historical iconography of Cuiabá. Thus, we elaborated a hypothesis that intends to identify an intentionality in the urban implantation related to the route - derived from the Portuguese urbanistic tradition - identified as Rua Direita, which would guide the development of the urban fabric of Cuiabá and would have a fundamental role in the formation of the urban landscape. In this research, it was possible to consider the intentionality of being adapted to Rua Direita in Cuiabá, since it is possible to demonstrate in this street the main purposes that this route has, in addition to being recognized in history of the city with the name of Rua Direita, assumed as the probable main structuring axis of the genesis and development of the urban fabric of colonial Cuiabá. In addition, this study suggests an extension of the standard characteristics similar to other streets of the same function, as it also denotes, in the unfolding of this path, the first formal connection between the initial urban centers that would in the future establish a continuity of the landscape in the development of the urban fabric around it. along your route.

KEYWORDS: Urban morphology. Luso-Brazilian urban planning tradition. Rua Direita.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo surge a partir das investigações e discussões na pesquisa “Casa Cuiabana e os espaços livres no século XVIII” – possibilitada pela Universidade Federal de Mato Grosso e desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisas Tecnologias Indígenas - que realiza estudos e análises sobre os períodos morfológicos de Cuiabá no século XVIII, tomando como base estruturadora dos estudos o traçado urbano colonial e sua relação com a paisagem urbana histórica na cidade da Cuiabá. Segundo Staël de Alvarenga Pereira Costa e Maria Manoela Gimmler Netto, os períodos morfológicos são traduzidos na diversidade e força dos conteúdos sociais e culturais da cidade que resultam na integração de elementos que produzam um arranjo espacial fruto daquele momento histórico.

Assim, esta pesquisa pretende identificar e caracterizar os períodos morfológicos encontrados no tecido urbano de Cuiabá a partir da identificação de soluções e elementos oriundos da tradição urbanística portuguesa que possam ser observáveis e tenham deixado marcas visíveis na forma urbana dessa cidade. Para tanto, buscamos entender as especificidades do urbanismo português na América, compreendendo seus métodos de aplicação e adaptação. Como Manuel C. Teixeira retrata, em *A Forma da Cidade de Origem Portuguesa* (2012), o urbanismo erudito, “planejado” (como regulamentações urbanísticas existentes em Portugal ou as Leyes de Indias na América Espanhola), foi se transformando e recebeu influências e características de urbanismo vernacular, por tantas vezes tido falaciosamente como “não planejado”, à medida que o desenho e implantação das cidades coloniais de origem portuguesa se adaptavam às características do local e tinham o seu planejamento fundamentado na memória da cultura urbana do descendente português e bandeirante que aqui chegavam. Dessa forma, foi necessário entender a configuração morfológica das cidades de origem portuguesa para que fosse possível compreender como esse processo ocorreu em Cuiabá.

Nesse sentido, a metodologia de estudo adotada parte a princípio em conhecer o processo de Morfogênese, tese preconizada por M. R. G. Conzen e aplicada à realidade brasileira na cidade de Ouro Preto, MG, pelas autoras Stael de Alvarenga Pereira Costa e Maria Manoela Gimmler Netto na obra *Fundamentos de Morfologia Urbana*, 2015. Esse termo consiste na identificação da configuração inicial das paisagens urbanas, não raramente encontrada nos centros históricos de uma cidade, uma vez que nesse lugar há maior conteúdo referente à historicidade, sendo esse o conceito entendido como um atributo da paisagem que reconhece os ecos materialmente visíveis nas permanências de vários períodos, em outros termos, o acúmulo das formas ao longo do tempo (Laboratório da Paisagem, 2013, apud COSTA, S.A.P. e NETTO, M.M.G., 2015).

Um outro conceito chave utilizado nesta pesquisa foi o de permanência, proposto por Aldo Rossi (1995) para definir os fatos urbanos que permanecem na paisagem apesar das transformações. Ou seja, um alicerce para a compreensão da paisagem capaz de orientar usos, significados e sentidos, e que, segundo Galdino (2015), ao tratar do traçado urbano, a permanência nesse caso seria fruto de uma tendência que conduz às soluções mais lógicas na evolução do território. Assim, o traçado é consequência dos percursos existentes – caminhos rurais, caminhos indígenas, caminhos de outras lógicas territoriais que posteriormente podem

ser observados e entendidos nas vias urbanas (LAMAS, 2007, apud GALDINO, 2015).

Desse modo, o principal objeto de estudo nessa pesquisa baseia-se no entendimento da Rua Direita, uma via que se destaca das demais por seu aspecto estruturador e norteador do desenvolvimento do tecido urbano e na configuração do uso do solo, pelo fato de conectar *pontos notáveis*¹ da cidade em seus polos e por apresentar edificações institucionais e religiosas importantes em seu entorno imediato, além de ser endereço onde se construíam as primeiras casas (TEIXEIRA, 2012). Em Cuiabá, as características da Rua Direita parecem observáveis inicialmente na via urbana que durante o período colonial ligava as lavras em frente a Capela do Rosário e São Benedito à Igreja do Senhor Bom Jesus do Cuyaba, às margens da atual Rua Galdino Pimentel, percurso esse reconhecido com a denominação de Rua Direita na segunda metade do século XIX, conforme levantamento de nomes históricos de logradouros realizado por Barreto (2007) e posteriormente estendida até os limites do núcleo urbano no sentido do Rio Cuiabá, concebendo a antiga Rua Bela do Juiz, atual Rua 13 de Junho. Não raramente, a execução de uma Rua Direita pode ganhar gradações no propósito de seu desenho à medida que tem sua implantação adaptada ao terreno e circunstâncias socioeconômicas da região (prática comum às cidades de origem portuguesa), criando peculiaridades que necessitam de um estudo aprofundado a fim de compreender melhor as decisões que conduziram o plano urbano específico da cidade. À vista disso, na Cuiabá, o entendimento de Rua Direita requer uma atenção ainda mais composta pois sugere nessa uma adição às suas características padrões e similares às outras ruas dessa mesma função, uma vez que esse eixo também conduzirá a estrutura para o desenvolvimento do tecido urbano entre os polos urbanos constituídos pelo Primeiro Distrito (Vila Real) e Segundo Distrito (Porto Geral).

A partir disso, ao tratar da paisagem urbana histórica da Cuiabá tomando os períodos morfológicos para o entendimento desse processo e o traçado urbano como elemento norteador no estudo, identificamos a paisagem originada a partir de um desenho concebido por uma referência fluvial (GALDINO, 2015) sobre um território que seria marcado pela diversidade e intensidade nos conteúdos sociais e culturais (MACHADO, 2008, GALDINO et al, 2022), resultando em tempos, experiências e práticas vividas na interação entre a sociedade e o espaço, onde um atingiu o outro e deixou marcas visíveis na paisagem urbana. Desse modo, observa-se que a paisagem urbana de Cuiabá acumulou camadas de significados ao longo do tempo, a partir das quais é possível introduzir a noção de palimpsesto - entendida como sobreposições de camadas históricas que se acumulam no mesmo espaço físico - neste presente estudo a fim de compreender melhor os processos da paisagem urbana histórica. A ideia de palimpsesto difere-se das permanências de Rossi como algo que se mantém ao longo do tempo, mas complementa esse conceito por se referir à dinâmica e transformação a partir dos elementos e fatos no espaço (COSTA e GIMMLER NETTO, 2015).

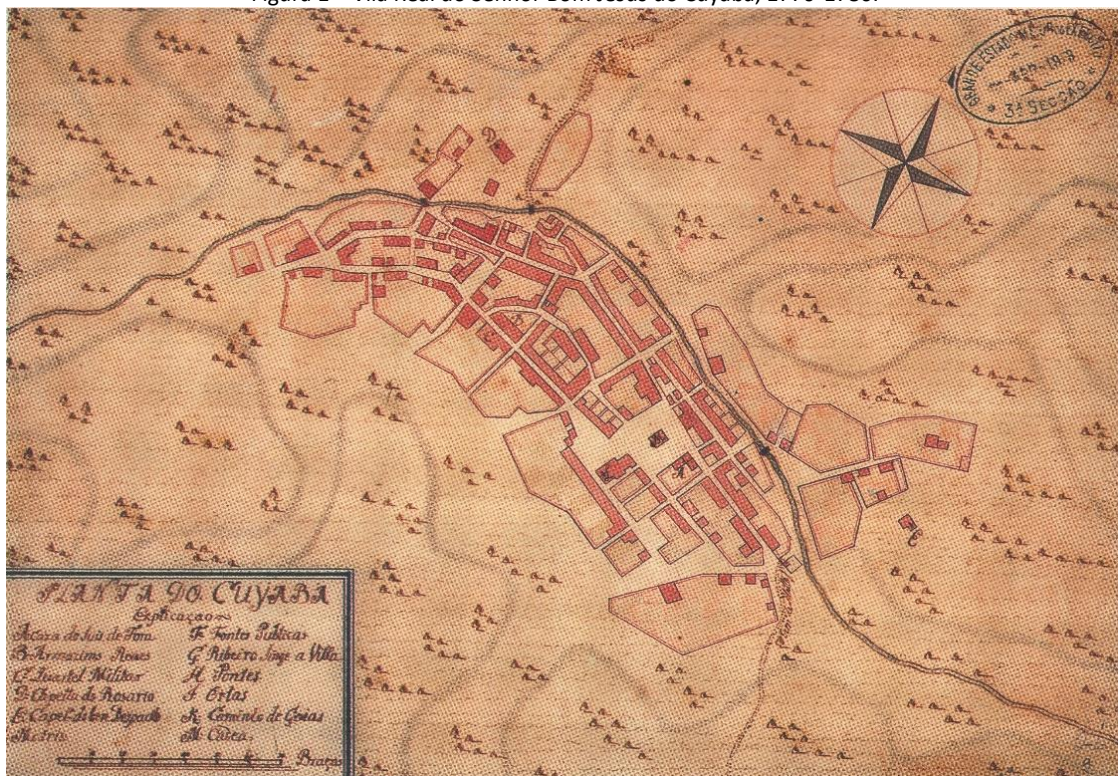
2 A ORIGEM DA FORMA DE CUIABÁ - 1º PERÍODO MORFOLÓGICO (MORFOGÊNESE)

Segundo Costa e Gimmler Netto (2015), a composição da paisagem urbana seria o

¹ Ou edifícios singulares, muitas vezes instituições religiosas ou governamentais que, associados a espaços urbanos com características de centralidade, desenvolvem praças urbanas.

resultado do processo de ocupação territorial fruto da eleição de determinadas localidades para a implantação dos núcleos urbanos no sítio natural, configurando o lugar eleito como um ato que iniciaria a estruturação do plano urbano, o qual induziria o desenvolvimento de outras categorias formais. Nesse sentido, tomando como referencial para a Morfogênese de Cuiabá a base de periodização em 1722, marco do início das atividades de mineração, podemos identificar o Arraial do Senhor Bom Jesus de Cuyabá formado preliminarmente em conformidade com o leito curvo do córrego da Prainha e, posterior a isso, instaurado num esquema de arruamento relacionado às características topográficas do sítio (Figura 1). Assim, esse modelo aplicado nesse espaço é traduzido em sintonia com os seguintes princípios norteadores do desenvolvimento de núcleos coloniais de origem portuguesa: a adaptação ao sítio, a orientação das vias a partir da relação com o curso d'água e a instalação de igrejas nos pontos elevados (MENDES, et al, 2010; GALDINO, et al, 2022).

Figura 1 – Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá, 1770-1780.



Fonte: Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, ca. 1770- 1780. In: Reis Filho, 2000.

Ademais, no processo de ocupação articulado às margens do córrego e desenvolvido segundo uma delimitação das curvas naturais do terreno, também é possível identificar, no traçado que compõe o que seria a Rua Direita em Cuiabá, uma tendência de "endireitamento" no tecido urbano, ou seja, uma retificação nesse desenho da cidade revelando que haveria aqui uma intencionalidade para além de um desenho em conformidade com o sítio, mas uma busca por implantar os fatos urbanos (ROSSI, 1995) reforçando a tradição urbanística portuguesa referente aos desígnios do desenho de uma Rua Direita, sendo essa a base para as estratégias de fases subsequentes do desenvolvimento urbano. Dessa maneira, ao observarmos essa via no contexto e circunstâncias da cidade objeto deste estudo, notamos que a mesma se

assemelha muito com as descrições de Manuel C. Teixeira (2012) sobre os ordenamentos de uma Rua Direita, como se descrevesse essa via em Cuiabá:

Era ao longo desse percurso que, de um lado e outro, se construíam as primeiras casas e se estruturava a primeira rua [...], construíam-se uma ou duas outras ruas paralelas a esta primeira rua longitudinal, e a curta distância dela para o interior, e algumas ruas transversais que as ligavam. Estruturavam-se assim um conjunto de quarteirões de forma sensivelmente retangular, que se dispunha paralelamente à linha da costa, e eram prolongadas ou constituídas novas transversais. (TEIXEIRA, 2012, p.47).

Na continuidade desse processo de desenvolvimento urbano, veremos essa rua em Cuiabá reforçando cada vez mais o seu papel como principal eixo estruturante do núcleo urbano segundo os aspectos formais de uma Rua Direita, podendo ser identificada como um elemento regulador do desenvolvimento urbanístico contrastando com a evidente adaptação do plano urbano português ao sítio. Assim, esse elemento estruturador poderia ser assumido como o eixo a partir do qual se norteou o desenvolvimento do tecido urbano para além dos recursos orientadores advindos do sítio.

2.1 PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA FORMA NA VILA REAL - 2º PERÍODO MORFOLÓGICO

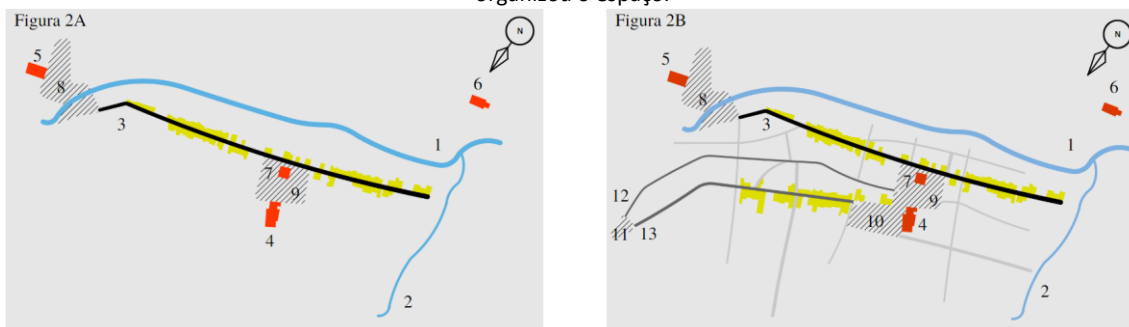
É possível observar como a traçado urbano de Cuiabá foi estabelecido em notória relação com o que seria sua Rua Direita, perceptível como o caminho pelo qual fora realizada a conexão direta de um extremo ao outro do núcleo urbano, é responsável por ligar o Largo do Rosário (tido como um dos primeiros espaços com aspectos de centralidade na região) à saída do meio urbano, delimitado por um dos afluentes do Córrego da Prainha, que, posteriormente, viria a ser o ponto de início do contato formal entre os 1º e 2º Distritos. Somado a isso, também é o principal eixo de ligação entre os pontos notáveis (TEIXEIRA, 2012) e edifícios singulares, iniciando por onde seria estabelecida a Igreja do Rosário, depois margeando o Largo da Sé (atual Praça da República), onde se encontrava a Igreja Nosso Senhor Bom Jesus da Cana Verde, primeira e singela igreja de Cuiabá na localidade da atual Igreja Matriz (Figura 2A).

A partir disso, vemos essa via assumindo o papel como o elemento disciplinador do desenvolvimento urbanístico, sendo então uma referência utilizada ao definir o traçado da cidade, constituindo o que seria a Rua de Baixo, o primeiro eixo de articulação urbana paralelo ao curso d'água, a qual orientava o padrão inicial de intercalação para as frentes do lote, seguida pela Rua do Meio (fundos de lote) e Rua de Cima (frente de lote). Assim, a Rua de Baixo (Rua Direita) seria o percurso ao longo do qual teriam sido implantadas habitações residenciais e edificações comerciais, além de encontrarmos em seu entorno as edificações onde eram realizadas as funções urbanas centrais, como a Casa de Câmara e Cadeia, essa estabelecendo uma relação de proeminência do Largo da Sé sobre as demais áreas públicas centrais. A contar disso, notamos também as ruas perpendiculares à Rua Direita, essas que, segundo Galdino (2022), com inclinações mais acentuadas e, não raramente, descontínuas por quadras irregulares que, do cruzamento dessas vias com as paralelas ao Córrego, deriva-se o reconhecível estilo de arruamento típico dos núcleos mineradores da Colônia (Figura 2B).

Figura 2: Análise gráfica da morfologia de Cuiabá a partir da formação da Rua Direita.

Adaptado de mapa original "Plano da Villa de Cuyaba". Original pertencente à Casa da Ínsua, Portugal. 1786.

Figura 2A: O caminho ao longo do Córrego da Prainha polarizado e margeado por edifícios notáveis e a progressiva agregação de funções e de edifícios regulares; Figura 2B: O caminho como eixo a partir do qual se organizou o espaço.



Legenda: 1) Córrego da Prainha; 2) Córrego Cruz das Almas; 3) Rua Direita (Rua de Baixo); 4) Igreja Nosso Senhor Bom Jesus da Cana Verde; 5) Igreja do Rosário; 6) Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho; 7) Casa de Câmara e Cadeia 8) Largo do Rosário; 9) Largo da Sé; 10) Largo da Rua de Cima (atual Praça Alencastro); 11) Largo da Mandioca; 12) Rua do Meio; 13) Rua de Cima.

Fonte: Próprios autores.

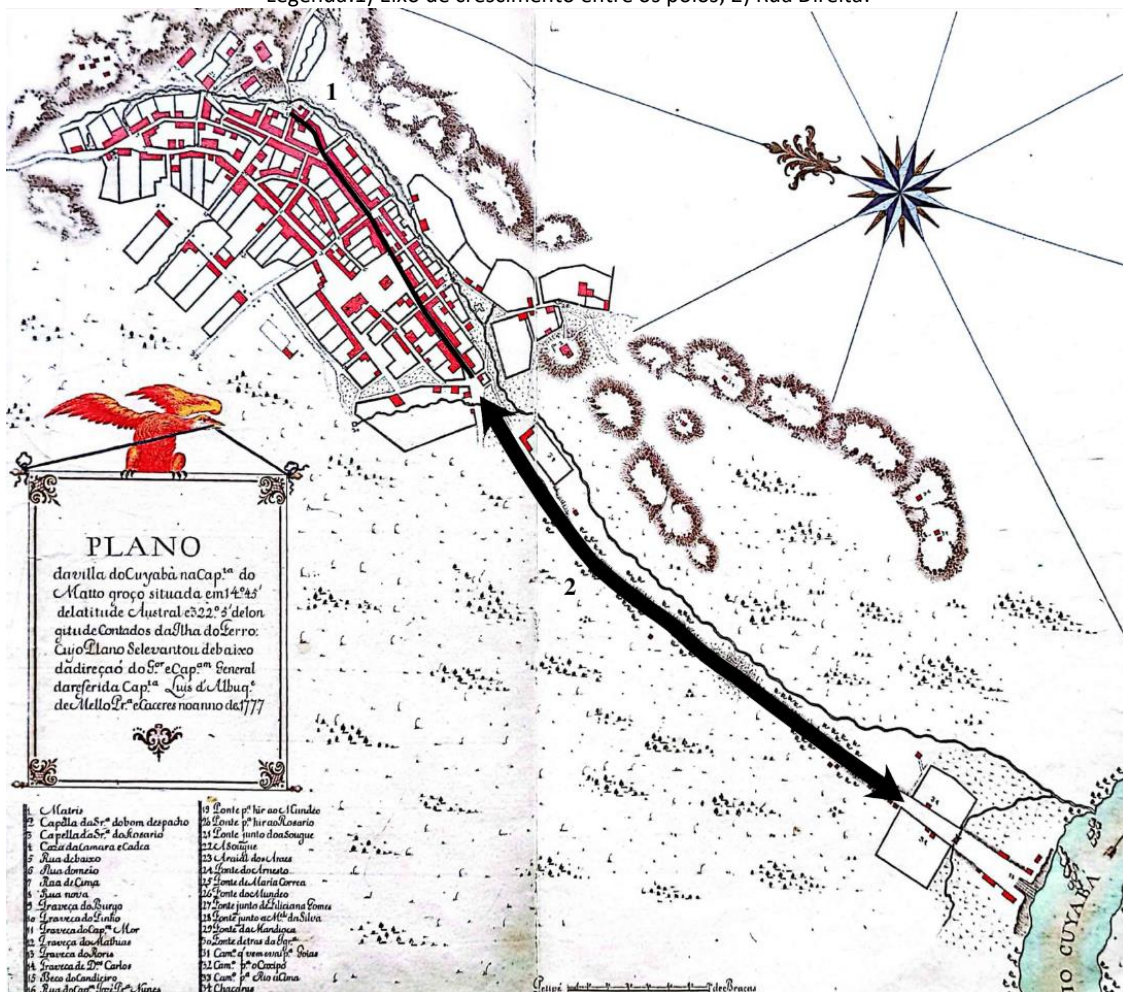
2.2 A Estruturação Urbana entre a Vila Real e o Porto Geral - 3º Período Morfológico

Ao estudar os primeiros períodos da formação urbana referentes ao século XVIII, notamos uma ocupação descontinuada do tecido urbano por dois *polos de crescimento*². Desses, o polo inicial estava localizado na Vila Real, já apresentada neste estudo anteriormente, e conectava ao eixo de crescimento orientado ao Rio Cuiabá. Quanto ao segundo polo de crescimento, esse tinha início no Porto Geral, que, margeado pelo limite geográfico do Rio Cuiabá, estendia-se somente em direção à vila.

Como verifica-se na planta de Cuiabá de 1777 (Figura 3), podemos destacar uma extensão do traçado original da Rua Direita cumprindo o papel de ponte de conexão como eixo de crescimento entre os dois polos apresentados. Isso significa que essa configuração urbana sustentou a base de estruturação e desenvolvimento urbano entre os núcleos da Vila Real e do Porto Geral, fazendo com que essa região de ligação fosse, ao longo dos períodos seguintes, ocupada por habitações e, conseqüentemente, expandindo a malha urbana (GALDINO, 2015).

² ² "Uma área marcada no tecido urbano como um lugar singular, um local de concentração, que indicaria acumulação histórica e carga simbólica, constituindo-se como a origem e a referência de determinado eixo de crescimento" (Panerai, 2006, apud Galdino 2015).

Figura 3: "PLANO da villa do Cuyabá na Cap.ta do Matto Grosso...".
Legenda: 1) Eixo de crescimento entre os polos; 2) Rua Direita.



Fonte: Análise gráfica sobre planta original do manuscrito pertencente à Casa da Insua, Castendo, Portugal. 1777.

In: Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial, Nestor Goulart Reis, 2001.

Com base no exposto, compreende-se a ampliação da Rua Direita em Cuiabá como semelhante às concepções de Panerai (2006) acerca dos eixos de desenvolvimento, uma vez que notamos a configuração do seu traçado, que se harmoniza com as características do terreno, aproveitando a geografia local e preservando vestígios da história e usos anteriores e já consolidados.

Assim, ao observarmos as constatações de Galdino (2015) sobre os eixos de crescimento nas circunstâncias de Cuiabá, identificamos ainda mais vestígios dessa via como o eixo estruturador entre os polos de crescimento da cidade nesse período:

No caso de Cuiabá estes eixos revelam como a formação urbana evoluiu a partir de explorações minerais vinculadas ao córrego da Prainha, e como o rio Cuiabá foi importante na consolidação desta paisagem, constituindo-se ao mesmo como polo de atração e como limite de crescimento, evidenciando lógicas internas e externas ao núcleo urbano. (GALDINO, 2015, p.60).

Desse modo, torna-se possível compreender, dentro do que poderíamos considerar como o "3º Período Morfológico", o arranjo urbano, que se estende as margens do Córrego da Prainha, em sintonia com a Rua Direita em Cuiabá, destacando o traçado longitudinal como partido que orientou o desenvolvimento do tecido urbano. Esse delineamento resulta não somente das interações socioeconômicas, como as atividades de mineração, da influência da topografia e do curso d'água, fatores intimamente vinculados ao Córrego da Prainha, mas também parece ser induzido por uma intencionalidade que procura preservar a coesão do desenvolvimento urbano fundamentado no que seria a sua principal via estruturante.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se verificar ao longo dessa pesquisa que a paisagem urbana histórica de Cuiabá está profundamente entrelaçada com a sua Rua Direita, relação essa que foi estruturante para conceber o tecido urbano no período colonial. Essa percepção é moldada pela gradual acumulação de camadas de significados que permeiam seu espaço físico ao longo do tempo: começando no momento em que a Rua Direita emergiu como parte essencial da morfogênese no traçado urbano, posteriormente norteando a formação do tecido urbano, até ser estabelecida como a base inicial da conexão formal dos polos urbanos. O percurso dessa rua reflete a evolução tangível da cidade, trazendo no seu desenho os períodos morfológicos e proporcionando uma janela singular para a compreensão formação urbana.

Nesse sentido, temos a Rua Direita cuiabana como um exemplo singular desta tradição urbanística portuguesa, devido ao acúmulo das ideias subjacentes à organização urbana presentes nesse caminho, que são identificáveis tanto pelo próprio reconhecimento inicial dessa via com a denominação de Rua Direita (BARRETO, 2007), quanto pelos diversos desígnios comuns às ruas direitas reconhecíveis nessa via em Cuiabá - como um eixo estruturante que conecta locais de importância política e social, denotando essa via com centralidade e a elevando para mais do que uma função prática quanto percurso -, mas também pela gradação no propósito do seu desenho, conduzindo às decisões do plano urbano da cidade notado no fato de que, a partir desse caminho, temos a união formal dos primeiros distritos de Cuiabá pelo traçado urbano.

Portanto, a partir da identificação dessa rua com tamanha relevância histórica, reconhecemos que há muito o que ser estudado e compreendido sobre essa via, pois constatando a mesma como fundamentadora da morfogênese do tecido urbano de Cuiabá, temos um reflexo palpável da história, das dinâmicas sociais e culturais, da estética e do planejamento urbano, uma vez que como eixo estruturador também em diferentes épocas, não podemos descartar o fato de que essa rua ladeia diversos estilos e influências arquitetônicas específicas de cada período histórico, que contam a história da arquitetura da cidade, ainda que atualmente em notável degradação. Além disso, por permear pontos notáveis, edifícios singulares e espaços livres públicos com funções centrais, consideramos essa rua como um espaço vital para a coesão da comunidade com o meio urbano, servindo como agente moldador do desenvolvimento de uma cidade ao longo do tempo, sendo palco de eventos públicos, celebrações religiosas, mercados, feiras e atividades culturais. Em suma, a Rua Direita em Cuiabá é um elemento estruturador que transcende seu status como algo meramente físico, é um

arranjo espacial capaz de, se bem observado, conduzir a leitura sobre a herança rica e multifacetada da paisagem urbana dessa cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Neila. **Água de Beber no Espaço Urbano de Cuiabá (1790-1886)**. Cuiabá, MT. 2007.

COSTA, S.A.P., NETTO, M.M.G. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. Belo Horizonte: C/Arte; 1ª edição. 2015.

GALDINO, Yara. **Paisagens fluviais urbanas: transformações e permanências no Porto de Cuiabá**. Tese (Doutorado em Urbanismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro. 2015.

GALDINO, Y; ARAÚJO, Dorcas F; CASTOR, Ricardo S; RODRIGUES, Paulo. **Paisagens Urbanas de Cuiabá no Século XVIII: Sobre o Desenho e o Desenho**. Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, Trans.ver.paisagens. 2022.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. **Diversidade Sociocultural em Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas. 144p. 2008.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil: de Cabral a Dom João VI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2009.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 198p. 2006.

EIS FILHO, Nestor Goulart. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: EDUSP/IMESP/FAPESP. 2000.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1995.

TEIXEIRA, Manoel C. A. **A forma da cidade de origem portuguesa**. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 177p. 2012.